



Impasse parlamentar

Ultradireita exige lugar em coalizão após votação histórica em Portugal

— Diálogo para formação de alianças começa hoje, mas os dois partidos mais votados rejeitam negociar com os radicais do Chega!, o que pode inviabilizar um novo governo

LISBOA

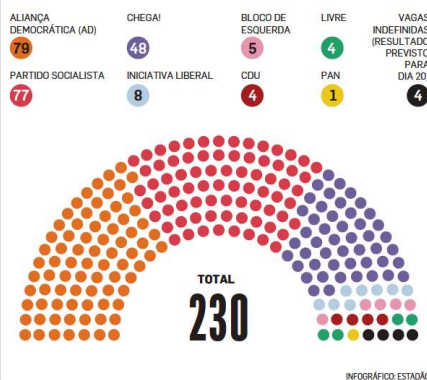
A eleição portuguesa de domingo produziu um cenário cada vez mais comum que aflige os países parlamentaristas: um partido de extrema direita e antissistema que obtém votação suficiente para inviabilizar qualquer formação de governo. Em Portugal, o fenômeno da vez é o Chega!, que quadruplicou sua bancada no Parlamento. Seu líder, André Ventura, exigiu participar do próximo governo.

“Esta é a noite em que acabou o bipartidarismo em Portugal”, disse Ventura, em discurso após a eleição. “Há no Parlamento uma maioria clara. Essa maioria é entre o Chega! e o PSD (Partido Social-Democrata, que lidera a coalizão centro-direita Aliança Democrática).”

A matemática, no entanto, não é tão simples. A vitória da centro-direita foi apertada. A AD obteve 79 cadeiras de um total de 230, apenas 2 a mais que o Partido Socialista (PS). O Chega! elegeu 48 deputados

NOVO PARLAMENTO

Ultradireita avança e centro-direita tem vitória apertada em Portugal



e se tornou a terceira força política de Portugal. Com isso, de acordo com o cientista político André Azevedo Alves, da Universidade Católica de Portu-

gal, há apenas três possibilidades para uma maioria estável.

A mais natural é uma coalizão entre AD e Chega!. O problema é que o líder da AD, Luís

Montenegro, disse na campanha que não faria essa aliança – e reiterou a promessa depois da eleição. “Nunca faria comigo, com o meu partido e com Portugal tamanha maldade”, disse.

A segunda alternativa seria uma coalizão da centro-direita com os socialistas, mas a possibilidade já foi descartada por Pedro Nuno Santos, líder do PS. A última saída – e a mais improvável – seria uma aliança entre PS e Chega!, o que nenhum dos dois partidos antagônicos sequer cogita.

“A menos que a AD mude de posição e Montenegro aceite um entendimento com o Chega!, o que resta é um governo minoritário”, afirmou Alves. No curto prazo, ele poderia assumir, mas seria muito difícil, segundo o cientista político, a conclusão do mandato de quatro anos.

PRAZO. A decisão está nas mãos do presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, que começa hoje uma série de reuniões com líderes partidá-

rios para escolher quem terá prioridade para negociar uma coalizão. Se não houver aliança, e Montenegro optar por um governo de minoria, ele pode cair diante do primeiro impasse legislativo. Nesse caso, novas eleições seriam marcadas em seis meses, no mínimo.

Instabilidade
Portugal pode ter um governo de minoria, mas seria instável e dificilmente concluiria o mandato

O cenário é parecido com o que ocorreu em vários países. A Itália viveu anos de impasse parecido, só resolvido quando o partido extremista de Geórgia Meloni venceu as eleições, em 2022, moderou o discurso e formou um governo. Na Espanha, o Vox, também ultraconservador, ampliou a bancada e só não se tornou governo porque o parceiro natural de coalizão, o Partido Popular, de centro-direita, teve uma votação a baixo do esperado. ● AP e EFE

Avanço extremista na Holanda reflete impasse cada vez maior na Europa

CENÁRIO

CLAIRE MOSES

Há alguns meses, Geert Wilders era uma maldição para os partidos holandeses. Força perturbadora de extrema direita por duas décadas, ele prometeu acabar com a imigração de muçulmanos, taxar véus de cabeça e proibir o Alcorão. Ele chamou os marroquinos de “escória”. Seu partido apoiou a saída da União Europeia.

Mas Wilders venceu as eleições em novembro e, desde então, se tornou uma força política inevitável. “Ele é o maior”, disse Janka Stoker, da Universidade de Groningen. “Não dá para ignorá-lo.”

Esse dilema fez com que a Holanda se tornasse um teste para a Europa, que lida com a questão do que fazer com o avanço dos extremistas, que já não podem ser considerados marginais. A Itália já tem uma líder de extrema direita e o governo sueco depende de um partido com raízes neonazistas. A extrema direita representa partes significativas da oposição na França e na Alemanha.

Na Holanda, alguns partidos tradicionais responderam ao dilema tapando o nariz e marchando em direção à sala de negociações para formar um governo com Wilders – o diálogo está estagnado não por causa dele, mas em razão de divergência no orçamento. “A normalização de Wilders foi muito rápida”, disse Cas Mudde, da Escola de Assuntos Públi-

cos e Internacionais da Universidade da Geórgia.

Os partidos de esquerda rejeitaram Wilders, mas a questão de como governar com ele não é com eles, mas sim com as forças de centro-direita, que não escondem o desconforto. A preocupação é tanta que os quatro partidos moderados, que negociam com ele, firmaram um compromisso em defesa da Constituição holandesa, o que deve limitar o extremismo de Wilders.

MODERAÇÃO. O documento teria ajudado Wilders a se distanciar de algumas ideias radicais. Teria, porque seu partido continua com a mesma plataforma de propostas institucionais, como a proibição de mesquitas e de escolas islâmicas. O próprio Wilders se recusou a se retratar por comentários islamofóbicos feitos no passado.

Dada a sua recusa em negar o extremismo e o fato de que ele e seu partido são a mesma coisa, os holandeses se perguntam com qual Wilders estão lidando. “Quão crível é alguém que não leva a Constituição a

sério há cerca de 20 anos?”, disse Léonie de Jonge, professora de política da Universidade de Groningen.

Ao mesmo tempo, Wilders é um dos rostos mais conhecidos da política da Holanda e atua na Câmara dos Deputados desde 1998. Durante a maior parte desse tempo, ele foi oposição. Mas conseguiu

Avanço
A Itália já tem uma líder de extrema direita e o governo sueco tem um partido com raízes neonazistas

seu maior sucesso na última eleição ao vincular sua antipatia pela imigração com questões mais importantes para os holandeses, como a falta de moradias a preços acessíveis.

Para encontrar uma saída para o impasse em torno da formação de um governo, a centro-direita cogita arranjos pouco ortodoxos, como uma coalizão minoritária ou um gabinete com ministros de partidos menores ou de fora da política,

para criar um amortecedor entre o gabinete e o Parlamento. Mas ninguém sabe como seria isso na prática. No entanto, essas opções poderiam até impedir Wilders de se tornar premiê, mas em todos os cenários o seu partido teria de fazer parte do governo.

Enquanto isso, Wilders continua combativo nas mídias sociais, levantando dúvidas sobre sua capacidade de servir como uma força de união. De agora em diante, os quatro partidos de centro-direita terão de retomar as conversas e chegar a um consenso sobre o tipo de coalizão que podem apoiar.

Embora as chances de uma aliança tradicional com Wilders no comando possam diminuir em uma nova rodada de negociações, essa opção permanece viva. O próprio Wilders diz querer comandar a Holanda. Quando perguntado recentemente se ainda estava disposto a se tornar premiê, sua resposta foi clara: “Mal posso esperar.” ● NYT

É JORNALISTA